CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOT BLOOD – NO CENTENÁRIO DE JANE RUSSELL
10 de julho de 2021

GENTLEMEN PREFER BLONDES / 1953

(Os Homens Preferem as Louras)

Um filme de Howard Hawks

Realização: Howard Hawks / **Argumento:** Charles Lederer, baseado na comédia homónima de Anita Loos e Joseph Fields / **Fotografia:** Harry J. Wild / **Direcção Artística:** Lyle Wheeler e Joseph O. Wright / **Direcção Musical:** Lionel Newman / **Coreografia:** Jack Cole / **Canções:** "Two Little Girls From Little Rock", "Bye, Bye Baby", "Diamonds Are a Girl's Best Friends", **músicas de** Jule Styne, **letras de** Leo Robin: "Ain't There Anyone Here For Love?", "When Love Goes Wrong", **músicas de** Hoagy Carmichael, **letras de** Harold Adamson / **Conselheiro para a cor:** Leonard Doss / **Guarda-Roupa:** Travills e Charles LeMaire / **Montagem:** Hugh S. Flower / **Interpretação:** Marilyn Monroe (Lorelei Lee), Jane Russell (Dorothy Shaw), Charles Coburn (Sir Francis Beckman), Elliot Reid (Ernie Malone), Tommy Noonan (Augustus "Gus" Esmond), George Winslow (Henry Spoffard III), Marcel Dalio (o Juiz), Taylor Holmes (o pai de Esmond), Norma Varden (Lady Beckman), etc.

Produção: Sol O. Siegel para a TWENTIETH-CENTURY FOX / **Distribuição:** TWENTIETH-CENTURY FOX / **Cópia:** em 35mm, technicolor, legendada em espanhol e eletronicamente em portuguªes, 90 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 7 de Agosto de 1953 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, a 27 de Dezembro de 1954.

Gentlemen Prefer Blondes é o segundo filme de Hawks com Marilyn. Parcialmente, é também o segundo com Jane Russell, dado que Hawks teve algo que ver com **The Outlaw**, estreia de Jane em Hollywood.

Em 1953, Jane Russell estava no apogeu da carreira e Marilyn a começar (foi o ano de **Niagara** e **How to Marry a Millionaire**). Por isso, é Jane Russell o primeiro nome do "cast". Conta-se até que Marilyn não aceitou lá muito bem essa precedência e que, durante as filmagens, protestou contra o tamanho do camarim que lhe estava destinado, bastante mais pequeno que o de Jane. Objectaram-lhe que esta era a protagonista e ela teria respondido que talvez fosse mas o filme chamava-se **Gentlemen Prefer Blondes** e a loura era ela.

Se na história da ascensão de Marilyn, nos princípios dos anos 50, outros cineastas podem ter "credits" não há dúvida que tudo o que estava e estaria em Marilyn foi achado por Hawks. Por isso lhe dou a palavra: "Marilyn é uma natureza de actriz. Fora desse lugar perdia toda a realidade. Só filmei **Gentlemen Prefer Blondes** porque Zanuck me pediu. A Fox pensava ter em Marilyn uma futura grande vedeta, sem no entanto a conseguir lançar. Eu disse-lhe: 'Pois é, vocês querem torná-la "real" e a realidade dela é a comédia musical (...) Eu acho que Marilyn nunca foi verdadeiramente real e acho também que a grande comédia é completamente irreal. Marilyn começou por fazer filmes em que tinha papéis realistas. Não são bons. Foi só nas comédias irreais, a partir de **Monkey Business** que ela teve sucesso. Porque exagerava e era disso que o público gostava. Em **Monkey Business** personificava a juventude aos olhos de um homem velho. Fui eu quem convenci a Fox a dar-lhe o papel em **Gentlemen Prefer Blondes** e que os convenci que só tinham que cruzar os braços (...) Era dificílimo que qualquer outra actriz pudesse fazer o papel de Marilyn nesse filme, porque era preciso alguém 'saído dum conto de fadas'. No **Gentlemen** quis fazer do sexo uma coisa cómica e utilizei a fundo as qualidades infantis de Marilyn. O filme não é mais do que uma série de variações sobre a atracção sexual (...) No princípio, tinha um argumento (a peça de Anita Loos) em que a rapariga que quer fazer um casamento de amor se casa por dinheiro e vice-versa. Pensei que essa história nos ia conduzir ao desastre e que era preciso tratar o assunto com honestidade. A rapariga que se quer casar por causa do dinheiro casa-se por causa do dinheiro e vice-versa. Em confusões dessas, nunca caí. Foi uma das minhas condições para fazer o filme. Julgo que foi o tratamento honesto duma comédia género conto de fadas que lhe valeu o seu enorme sucesso (...) Com Jane Russell, ao lado dela, estava ganha a partida. Marilyn precisava de Jane que lhe afastava os obstáculos e a completava. Porque Jane é muito, muitíssimo real".

"Contos de fadas", "variações sobre a atracção sexual", filme duma "completa irrealidade" com uma actriz "que nunca foi verdadeiramente real". **Gentlemen Prefer Blondes** uma das mais fabulosas e subversivas comédias de Hawks, vive do segredo da oposição complementar entre Russell e Marilyn (sobre a qual Hawks já disse tudo) e do segredo da oposição entre Marilyn e os três homens que persegue, tendo como único motivo o dinheiro: o desajeitadíssimo Gus (porventura o mais assexuado dos actores que já apareceu na tela), um velho de 80 anos chamado Charles Coburn e um miúdo de 5 anos Henry Spoffard III. Dar tais homens a Marilyn foi a ideia genial de Hawks, duplicada por outra ainda mais genial: com nenhum deles Marilyn finge, em todo o sentido da palavra. Qualquer deles sabe que ela está ali por dinheiro (*"Diamonds are a girl's best friends"*), mas ela está para eles toda, da cabeça aos pés, já afirmando e ignorando o seu único poder de atracção. Despedindo-se de Gus (ou reencontrando-o em Paris), dançando com Coburn (ou fazendo com ele a genial sequência da serpente), conversando com o insuportável miúdo, ou servindo-se dele na sequência do beliche, Marilyn nunca está ali para enganar (como nem sequer engana, no final, o pai de Gus). A todos se entrega de corpo e alma, um e outra tão à vista como a sua "paixão predominante": os diamantes, o dinheiro. É impossível chamar-lhe nomes feios, porque nunca houve nada de mais bonito. E só quando pensamos no filme (e vale bem a pena pensar, para lá das leves aparências) é que descobrimos que Hawks deu a volta a tudo e que provavelmente, a uma leitura moralista, nunca se filmou obra tão imoral e tão materialista. Só que esses objectivos (e por isso os sublinhei) perdem sentido porque se trata de Marilyn que sendo uma e outra coisa jamais o é.

Vou tentar explicar-me melhor: à data da estreia do filme, o crítico Hermann Weinberg (que aliás soube admiravelmente perceber autores como Lang ou Sternberg) insurgia-se contra o contemporâneo alarido das ligas de decência e das igrejas americanas perante o **The Moon is Blue** de Preminger. E dizia mais ou menos isto: enquanto se escandalizam com um filme que nada tem de imoral, toda a gente acha imensa graça a uma coisa chamada **Gentlemen Prefer Blondes** que é uma "parada de baixezas". E citava a *"dança lasciva, quase nua"*, de Russell num tribunal francês (mais escandalizado ficava que Dalio tivesse aceite o papel de juiz), a exaltação do materialismo *"francamente e sem vergonha"*, a ideia de que não há beijos que se comparem a um diamante e a cena *"cuja única finalidade é mostrar o bonito traseiro de Miss Monroe agitando-o durante uma rumba"*. Weinberg viu ainda pouco: não se perguntou, por exemplo, onde estava a cabeça do miúdo no plano em que este serve de andas a Marilyn; não reparou nos múltiplos pormenores do forçado "strip tease" do detective (há quem lhe chame outra coisa) e não viu com muita atenção a portentosa sequência de Jane Russell entre a equipe olímpica americana (na piscina) em que Hawks finta os códigos e as morais de todas as maneiras (e em todas as posições) possíveis e imagináveis. Ou impossíveis e inimagináveis, para já não falar do inadjectivável duplo casamento final, a bordo, na viagem de regresso.

Weinberg, no seu escândalo, podia ter ido bem mais longe que não tinha chegado ao calcanhares do que Hawks fez e deu a ver. Simplesmente (ou complexamente), "a grande comédia é completamente irreal" e por o ser tudo passou e passa nela, sem que por isso a subversão seja menor. Desde **Twentieth Century** ou **Bringing Up Baby** (lembram-se do vestido rasgado de Katharine Hepburn e da posição de Cary Grant?) que Hawks sabia que podia ultrapassar todos os limites. Quando contou com Marilyn, Russell, Coburn e todos os outros disparou e não parou. Como já à época, notou Rohmer *"a matéria é de ouro e não é preciso ser-se muito avançado na ciência de Freud para apreciar como se deve beber este cocktail de altíssimo gosto"*.

Desde a sequência pré-genérico (Marilyn e Russell, de encarnado em fundo de "little rock") que conclui com o espanto nosso (e de Russell) de que Marilyn tenha aproveitado tanta pirueta para ver um diamante na algibeira dum espectador, passando pelo coro da despedida (o beijo de Marilyn) até ao casamento, encadeando com a canção inicial, não há, literalmente, variação sobre o sexo que não seja feita e não há literalmente um pilar da "moral estabelecida" que fique de pé. Mas **Gentlemen Prefer Blondes** é como certas anedotas: há quem as conte relativamente inocentes e o puritano fique gelado; há quem as conte bem pesadas e o mais puritano desate a rir. Tudo está na maneira de dizer, na maneira de olhar, na maneira de cozinhar. Ou seja tudo está na arte de.

Aqui, na incomparável arte de Hawks ou no incomparável encontro de arte de Hawks com o mistério de Marilyn. Quando se fixa (como o detective fotógrafo) tudo fica obsceno; quando tudo flúi como na história de Coburn e Marilyn, tudo fica em estado natural de graça. Palavra que no caso de Hawks e no caso de Marilyn bem se pode escrever com maiúsculas.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico